



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com a comunidade brasileira em Santo Domingo

República Dominicana, 17 de agosto de 2004

Obs.: Devido à queda de energia no local do evento, a parte inicial do discurso não foi captada.

... Deve acontecer, eu não sei se em fevereiro ou abril, uma reunião entre todos os países da América do Sul e todos os países árabes, uma reunião onde a gente vai tratar de negócios, vai tratar de cultura, vai tratar de turismo, o que, para nós, é muito importante. Temos uma parceria estratégica com a África do Sul e com a Índia, que é muito importante. Temos uma parceria estratégica com a China, que tem se transformado num parceiro muito importante para o Brasil.

Mas, ao mesmo tempo, nós não podemos deixar de perceber que o mundo não é feito apenas de países ricos. O mundo é feito de países pobres também. Por isso, nós estamos tendo uma política muito produtiva, eu diria, em relação ao continente africano.

Eu já visitei, nesses 19 meses de governo, dez países africanos, o Egito, a Líbia, que fazem parte da África, mas eu já visitei o Gabão, já visitei São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola, África do Sul, Moçambique, Namíbia.

Porque nós temos uma dívida histórica com a África, nós temos raízes profundas com o continente africano, e eu acho que é preciso começar a pagar essa dívida, é preciso começar a resgatar essa relação em que, muitas vezes, o Brasil olhava para a Europa passando por cima do continente africano, sem enxergar que ali tem gente e tem muita gente que ajudou a construir o Brasil.



E tudo isso nós estamos fazendo sem perder de vista o grau e a parceria forte que nós temos com a União Européia e com os Estados Unidos. Uma das razões desta viagem, agora, além da posse e além do Haiti, era uma reunião com os presidentes dos países da América Central e do Caribe, para que a gente fizesse, oficialmente, um convite e mostrasse para eles o desejo que nós temos de que eles comecem a discutir conosco a sua participação no Mercosul.

Porque nós achamos que o Brasil pode ajudar esses países, o Brasil tem tecnologia. O Brasil, no setor de serviços, é muito competitivo; o Brasil, no setor agrícola, é muito competitivo. Ou seja, nós temos muita coisa para ajudar. Na área da saúde, nós temos muito para ajudar. E o Brasil precisa, como o maior país do continente, fazer gestos de generosidade para com aqueles que são mais pobres ou menores que nós.

Por isso é que nós estamos fazendo essa política externa intensa, um trabalho abnegado do nosso querido Celso Amorim, que tem viajado, eu diria, em um ano e meio, mais do que ele viajou a vida inteira, fazendo política externa. Ele reclama sempre que é preciso melhorar as condições para viajar, mas nós vamos melhorar.

Bem, eu quero dizer para vocês que, em relação à situação do Brasil, eu acho que, finalmente, eu posso sorrir um pouco, porque nós passamos um primeiro ano com muita dificuldade, mas sabíamos que era difícil, porque se as coisas estivessem boas nós não teríamos ganho as eleições. Só ganhamos, exatamente porque as coisas estavam muito ruins.

Passamos um primeiro ano muito difícil, trabalhamos intensamente e, hoje, nós estamos colhendo aquilo que nós plantamos: estamos colhendo o crescimento da economia, estamos colhendo o crescimento da geração de empregos e estamos colhendo a recuperação da renda das pessoas que trabalham. O mercado interno está se recuperando, estamos vendendo mais no mercado interno.



Mas, sobretudo, estamos obtendo um sucesso relativo nas nossas exportações. Nos últimos 12 meses, exportamos 88 bilhões de dólares, o que é um recorde da nossa história. Trabalhamos com a hipótese de termos um superávit de 30 bilhões de dólares, o que é o recorde dos recordes da nossa política de comércio exterior.

E nós estamos trabalhando intensamente para que não só consigamos exportar mais do que estamos exportando, que tenhamos um superávit maior do que estamos tendo mas, também, estamos trabalhando para que aumente a nossa relação comercial com os países, de uma forma justa.

Ou seja, aqui, na República Dominicana, por exemplo, nós temos uma relação comercial de duzentos e poucos milhões de dólares, porque só o Brasil exporta para cá e o Brasil não compra nada. Para nós, a boa política de relação comercial é a via de duas mãos, ou seja, você compra e vende para manter um certo equilíbrio entre os países. Nós trabalhamos com essa visão de que é preciso ajustar a possibilidade de aumentar as compras dos países menores e, ao mesmo tempo, trabalhar com o desejo e a firme convicção de que a gente pode ajudar esses países, fazendo obras, através de empresas brasileiras, obras financiadas pelo BNDES, o que tem acontecido em vários países aqui. As principais obras são financiadas pelo BNDES, o que para nós é uma forma muito boa de contribuir.

Bem, vocês acompanharam, ontem, o sucesso do referendo na Venezuela. O Brasil jogou um papel muito importante nessa situação da Venezuela, porque foi o Brasil que propôs a criação do Grupo de Amigos da Venezuela. Era um Grupo que juntava Brasil, Estados Unidos, Espanha, Portugal, México e Chile e que tratava de conversar com os dois lados para que a gente pudesse chegar a uma situação de normalidade na Venezuela. O Brasil teve um papel, eu diria, principal, através da primeira ação muito forte do nosso ministro Celso Amorim, tentando conversar com todos os países, mostrando que era possível ter tranquilidade na Venezuela. E, ontem, eu acho



que o referendo deu uma demonstração de que nós não perdemos tempo, não perdemos nada em conversar e vender a idéia para países que não acreditavam que era possível essa democracia se consolidar na Venezuela.

Então, isso nos deixou muito felizes, porque foram muitas pelejas com os Estados Unidos, foram muitas pelejas com o próprio Chávez e a Venezuela, porque quando nós apresentamos os Estados Unidos como integrantes do Grupo de Amigos, obviamente que a Venezuela não queria, por razões óbvias, e nós fizemos o presidente Chávez ver a necessidade dos Estados Unidos participarem, porque a gente não estava criando um Grupo de Amigos do Chávez, era um Grupo de Amigos da Venezuela e era preciso que tivesse diálogo com a oposição. Eu acho que o resultado deve deixar todos nós tranquilos.

Tivemos uma participação importante no caso da Bolívia. Vocês sabem que, quando renunciou o presidente Sánchez de Lozada, nós tivemos muita conversa, inclusive com gente da oposição, com quem temos relações históricas, para que se levasse em conta a necessidade de garantir a normalização do processo democrático e eu acho que nós conseguimos. Eu tive uma grande conversa com Evo Morales, um grande líder da oposição da Bolívia, que estava no movimento que culminou com a queda de Sánchez de Lozada, para que o Evo Morales tivesse noção de responsabilidade desse processo boliviano.

E eu acho que as coisas andaram bem. Hoje, o presidente Carlos Mesa está se consolidando. Teve um plebiscito para resolver o problema das empresas de petróleo, de gás, eu acho que as coisas estão caminhando. Ou seja, o Brasil está fazendo uma política mais ativa, mais propositiva, não está ficando parado, esperando as coisas acontecerem.

E o Haiti, onde temos 1.200 soldados, o Brasil coordena uma Força de Paz que envolve, pela primeira vez, a possibilidade de nós termos uma ação da América Latina num país, aqui, no Caribe. Estão aí, praticamente, quase todos



os países da América do Sul, só não estão aqueles que não têm condições de mandar soldados. Está Argentina, Chile, Uruguai, Brasil e outros países para manter a questão da paz, até a gente ver o processo eleitoral.

Eu tive a oportunidade de conversar com o presidente do Haiti, hoje, e eu sou daqueles que acha que o problema do Haiti a gente só vai resolver quando o mundo desenvolvido levar em conta que é preciso que tenha investimento no Haiti para que aquele povo possa voltar a produzir, possa gerar empregos e possa ter um mínimo de riqueza para ser distribuída internamente.

A idéia de marcar esse jogo lá é para fazer um gesto – o povo do Haiti é muito fanático por futebol e, sobretudo, pelo futebol brasileiro, adoram o futebol brasileiro – então, uma das formas de você fazer uma política e mostrar que somos companheiros de verdade, que estamos preocupados em tentar ajudar o Haiti a encontrar a solução, é levando aquilo que eles mais gostam lá, que é a Seleção brasileira.

Depois dessa visita, nós estamos marcando um encontro no dia 20 de setembro, na ONU, em que nós enviamos carta para todos os presidentes, de vários países do mundo, convidando-os para essa reunião para discutir a questão da fome, ou seja, a questão da constituição de um fundo que possa ajudar a combater a fome, sobretudo nos países mais pobres. E essa reunião já tem a participação de 50 chefes de Estado e de Governo. Vai ser uma reunião onde a gente vai poder aprofundar essas discussões e, quem sabe, começar a caminhar para encontrar uma solução. Ou seja, como é que vamos resolver o problema do Haiti?

Países como o Brasil têm pouca chance de ter dinheiro para dar para o Haiti. Mas tem países que têm muito dinheiro e que podem dar. Hoje o Presidente do Haiti falou que, muitas vezes, as pessoas não dão dinheiro porque não confiam que o dinheiro vai ser aplicado corretamente.



Nós precisamos conversar com as pessoas sobre como ajudar. Porque tem países que colonizaram o Haiti durante tanto tempo e não podem, agora, virar as costas, ir embora e dizer: “Bom, o problema não é meu”. O problema é do Brasil, o problema é do Haiti, o problema é da República Dominicana, o problema é da Suécia, o problema é da França, o problema é dos americanos. Todos nós temos que ter um mínimo de responsabilidade de dar uma chance, porque a única possibilidade de resolvermos e ajudar o Haiti é termos uma política de investimento lá, porque se não tiver política de justiça social não terá paz e não terá democracia no Haiti.

Então, nós estamos fazendo esse jogo. Vocês acompanharam e perceberam que nós tivemos, recentemente, três coisas importantes nas nossas vidas, enquanto brasileiros e enquanto grupo de países que acreditam que é possível criar uma nova geografia comercial no mundo.

Nós tivemos uma vitória contra o subsídio para o algodão americano, na OMC. Nós tivemos, agora, uma vitória contra o subsídio do açúcar da Europa, o que significa um espaço importante de crescimento. E, depois de uma reunião em Paris com o G-20, foi feita uma reunião em Genebra onde me parece que, finalmente, a questão dos subsídios agrícolas nos Estados Unidos e na União Européia começam a andar numa velocidade boa. E as possibilidades são extraordinárias.

Quando nós fazemos isso, como a briga da OMC, no caso do algodão, o beneficiado não é apenas o Brasil. Muitas vezes, um país africano pequeno, que tem a base da sua economia no algodão, é que vai ser um grande ganhador nesse negócio.

Acontece que o subsídio é uma anormalidade no comércio exterior e você precisa brigar. Vocês sabem que o Brasil, muitas vezes, não teve coragem de brigar. Muitas vezes, as pessoas tinham medo de se sentar, porque não dá para brigar com os Estados Unidos, não dá para brigar não sei com quem.



Vejam, nós não queremos brigar com ninguém. Vocês estão lembrados que eu fiz uma campanha dizendo que a campanha era “Lulinha paz e amor”. Acontece que nós temos direito. E acontece que eu tenho uma convicção que nenhum interlocutor respeita um interlocutor que não se respeita. Portanto, se nós não nos respeitarmos, ninguém nos respeita.

Então, o que nós queremos? Nos queremos para o Brasil o que os americanos querem para eles. Nós queremos para o Brasil o que os europeus querem para eles, ou seja, nós queremos ter uma participação, nós queremos ser respeitados, nós queremos que os nossos direitos sejam levados em conta. E, por conta disso, nós resolvemos comprar as brigas que estamos comprando.

Vocês estão lembrados que, quando foi aprovado o Grupo G-20, em Cancún, nós fomos muito criticados, acho que por muita gente, porque no Brasil tem uma parte das pessoas, o que não depende da minha vontade, que têm a cabeça colonizada. Lamentavelmente, é assim. Então, se os americanos não gostam, não é bom para o Brasil, se os europeus não gostam, não é bom para o Brasil. Como se nós não tivéssemos outras opções. O que nós estamos fazendo? Nós estamos procurando outras opções para que a nossa relação seja mais ampla, mais plural, para que a gente não fique dependente apenas de um país ou de um bloco, para que a gente tenha um leque de opções enormes. E isso está acontecendo, e acho que isso é bom para o Brasil, é bom para o mundo. Até porque surgiu no mercado mundial um gigante, chamado China, que balanceou as regras do comércio e o Brasil tem uma parcela importante.

Então, nós vamos continuar fazendo essa política com mais intensidade, nós acreditamos nela. Nós queremos relações estratégicas com vários países. O Brasil tem o que vender, o Brasil não vende apenas soja ou apenas açúcar, o Brasil, hoje, disputa produtos de tecnologia de ponta. Nós, hoje, recebemos da China a tecnologia de lançamento de satélites, mas mandamos para a China nossa tecnologia de produção de aviões. O Brasil está crescendo, nós



definimos uma política industrial que há 20 anos diziam que o Brasil não precisava. Nós definimos que o Brasil tem que ter política industrial. Temos que escolher quais os setores que a gente quer priorizar para que o Brasil possa, efetivamente, ser um grande exportador de conhecimento, que é o que pode trazer mais valor agregado às coisas que nós queremos vender para o mundo.

Era um pouco isso o que eu queria dizer para vocês, na esperança de que aqueles que estão bem, aqui, continuem bem, fiquem melhor. Espero que, quando vocês regressarem ao Brasil, o Brasil esteja melhor, dando mais oportunidades a vocês.

Eu quero dizer que eu estou hoje mais otimista do que eu estava no dia 1º de janeiro, quando eu tomei posse. Espero, amanhã, estar mais otimista do que hoje. E eu digo sempre o seguinte: o que é importante para um governante não é a quantidade de obras que ele faz, mas é o padrão de relação que ele foi capaz de criar entre o Estado e a sociedade. E eu acho que nós estamos conseguindo criar isso com uma certa tranqüilidade. E acho que as coisas estão caminhando bem. O Brasil, hoje, é um país que goza de credibilidade externa. Eu sempre digo o seguinte: respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. E eu acho que o Brasil está dando respeito e está recebendo o respeito que deveríamos receber sempre. Porque quem não se respeita não vai nunca merecer respeito.

E eu quero que da mesma forma que eu vou torcer para o sucesso de vocês, onde vocês estiverem, que vocês continuem com o pensamento positivo, com a energia muito positiva, torcendo para que o Brasil se transforme numa grande nação, que ele já deveria ter sido, se não tivesse tido tanto descaso, em momentos históricos e importantes que nós jogamos fora. Nós não vamos jogar mais essa oportunidade fora. Nós vamos agarrá-la com unhas e dentes, porque acho que o Brasil precisa efetivamente de uma chance e essa chance só vai acontecer na hora em que o Brasil acreditar em si mesmo, e nós estamos acreditando como nunca se acreditou antes neste país.



Muito obrigado.